

GUSTAVE LUIZ LEBON

Antônio Roberto Nascimento

Não era francês de nascimento(1), senão belga e, ao que supomos, es-
teve ligado ao capítulo da colonização de Ilhota pela Sociedade Belgo-Brasilei-
ra de Colonização.(2)

Faleceu em São Francisco do Sul, aos 11 de novembro de 1876, quando
era agente e despachante da Colônia D. Francisca.(3) Em 1867, foi nomeado Es-
crivão de Rendas de S. Francisco, em substituição a Anacleto Ladislau Ribeiro,
que foi para Joinville exercer o cargo de Coletor de Rendas.(4) Antes disso,
exercera a função de Adjunto do Promotor Público e de escrevente da Coletoria
de Rendas Provinciais, tendo patente de Capitão da Guarda Nacional.(5) Milita-
va no Partido Liberal, chefiado, em S. Francisco do Sul, pelo Tenete-Coronel
Francisco Mathias de Carvalho Júnior(6), que não usava o agnome. Amou a terra
brasileira, onde passou a maior parte de sua vida.

Para seu relato biográfico, porém, é de mister acompanhar a vida de
Benoit Jules de Mure, ou Bento Júlio de Mure, ou Dr. Benoit Josefh Mure(7), o
fautor da Colônia Industrial do Saí, inspirada nas idéias socialistas de Char-
les Fourier.(8) Benoit Jules de Mure está intimamente ligado à História do
Homeopatia no Brasil(9), posto que se lhe negue a primazia em tal mister.(10)

Não logramos descobrir a data aproximada da chegada de Gustave Luiz
Lebon ao Brasil, mas deve ter sido por volta de 1844. Entretanto, o Dr. Benoit
Jules Mure, em carta de 27-2-1841, noticia que sua mulher chegaria logo depois,
a bordo do patacho "Bellico", que traria também sua filha única, depois casada
com Gustave.(11)

É muito provável que Gustave Luiz Lebon já estivesse em São Francis-
co do Sul por essa época, uma vez que a colonização belga de Ilhota também ini-
cia em 1841.

É muito provável, outrossim, que ele tenha ido morar em Itajaí, uma
vez que lá, aos 14 de abril de 1851, nasceu sua filha Luiza, batizada na fre-
guesia de N.Sª da Conceição de Itajaí pelo Rev. Vigário Francisco Hernandez,
aos três de maio de 1852. Curiosamente o assento foi lavrado em São Francisco
do Sul pelo Vigário Colado Benjamim Carvalho de Oliveira.(12) Também não lo-
gramos descobrir a data de seu casamento com Camila Leodária Mure, filha legí-
tima de Bento Mure e de sua mulher Úrsula Eugênia Lalhiniavo. Em tal registro
eclesiástico, vê-se que Gustavo Luiz Lebon era filho de Luiz José Lebon e de
Theresa Josefa Matheur, moradores em Bincher, Província de Hainout, na Bêlgi-
ca, onde ele, à certa, deve ter nascido.

Além dessa filha, o Capitão Gustave Luiz Lebon e Camila Leodária Mu-
re também tiveram o filho Eduardo, batizado aos 11-12-1853, em São Francisco
do Sul(13), que deve ser o Eduardo Luiz Lebon, despachante matriculado na Mesa
de Rendas de S. Francisco do Sul e, depois, escrivão da Coletoria e procurador
da Sociedade Colonizadora de Hamburgo(14), radicado em Pelotas, a partir de
1874. Não era, pois, irmão de Gustave Luiz Lebon, que veio da Bélgica em novem-
bro de 1844, senão seu filho. Seus padrinhos foram o Dr. Eduardo Júlio Deyrol-
les e sua mulher Josefina Logeune(15), dos falansterianos do Saí e cujos des-
cendentes, acompanhados da viúva, tomaram rumo ignorado, após residirem algum
tempo no Rio de Janeiro, no começo de século XX, abandonando suas propriedades

em São Francisco do Sul.(16)

A referida filha Luiza Lebon foi casada, talvez em Itajaí, com Alexandre Justino Régis, natural de São Miguel da Terra Firme, hoje Biguaçu(SC), filho de Justino Francisco Garcia Sênior - não usava agnome - e de Florência Rosa Garcia, parentes, ao que supomos, daqueles Garcias dos primórdios da Camboriú.(17) Alexandre Justino Régis era irmão de Justino Francisco Garcia Júnior, que também não usava o agnome, casado, por seu turno, com Clarinda Luiza Garcia, filha do Capitão Alberto José Francisco da Silveira, natural da Capela de São João Batista de Itapocoróia, e de sua primeira mulher Luiza Inácia de Jesus, neto paterno de José Francisco da Silva ou da Silveira, natural da freguesia de N. s^a das Necessidades da Ilha de Santa Catarina, e de Rosa Inácia de Jesus, natural da freguesia de S. José da Terra Firme, e materno de José Duarte e da Maria Inácia, também naturais de S. José.(18) Justino Francisco Garcia Filho foi o pai de Belarmino Justino Garcia, batizado aos 11-12-1864, nascido em junho daquele ano(19), que, pela Lei nº 979, de 30-08-1913, recebeu favores para a exploração de minérios no Parati, em Joinville, no Campo Alegre e em S. Bento do Sul.(20) Em segundas núpcias, o Capitão Alberto José Francisco da Silveira casou, aos 31-1-1873(21), com Maria Rita Garcia, natural de S. Miguel, filha natural de Rita Silvana de Jesus e de Justino Francisco Garcia Sênior. Era irmão de Joana Rosa de Sousa, casada, aos 22-1-1816(22), com o luso João de Sousa, natural da freguesia de Santa Maria da Fonte Nova, filho de Manoel de Sousa e de Joaquina Maria, que a abandonou, por volta de 1826(23), com três filhos então menores: José Francisco de Sousa, Valentina Rosa e Florinda, depois casada com Bernardino Antônio Caetano. Em seguida, passou ela a viver com Thomás Antônio de Lemos, tendo de refugiar-se nas matas do então Sertão do Itapocu, em virtude de ordem de prisão contra ambos expedida e até que o vigário de S. Francisco do Sul falecesse. Sobredito Thomás Antônio de Lemos foi um dos mais importantes povoadores do sertão do Itapocu, onde foi assassinado aos 21-9-1869, com a idade de 70 anos(24), deixando quatro filhos: Ponciano Antônio de Lemos, Deolinda da Graça Vieira, Lucinda Rosa Lima, Maria Thomasia da Conceição Walter e Rosa Maria Caetana. Ponciano Antônio de Lemos foi casado com a viúva de Hilário Antônio, Bárbara Maria da Graça, descendente do Capitão-Mor Antônio Eugênio de Miranda Tavares, com quem teve a filha única D. Maria Balbina de Miranda Lemos, casada, na sua vez, com o Coronel Procópio Gomes de Oliveira (25). Já Deolinda foi casada com o Major Manoel Antônio Vieira, do Parati, filho do Coronel Antônio Vieira Sênior, natural do Rio de Janeiro e filho de pais açoritas(26).

Alexandre Justino Régis pertencera também ao Partido Liberal, comanda do por Jerônimo Francisco Coelho, ao qual pertenceria igualmente o Dr. Abdon Batista.(27) Além do filho Gustavo Lebon Régis, teve também a filha Olga Adelaide, batizada aos 25-5-1885, em Joinville, nascida aos 14 de março do mesmo ano, tendo por padrinhos Pedro José de Sousa Lobo e sua consorte D. Adelaide Flora Caldeira Lobo, quando os pais são dados como lavradores e os avós maternos como naturais da Bélgica.(28)

O Coronel Gustavo Lebon Régis nascera no lugar denominado Ribeirão da Corda, Município do Parati, aos 18-2-1874, sendo o primogênito de Alexandre Justino Régis, por hipocorístico "Xandoca".(29) Foi casado com Júlia de Queirós Nascimento, filha do farmacêutico João Gonçalves do Nascimento e de D. Januária Queróz do Nascimento, com quem teve dois filhos: Tenente-Coronel Júlio Lebon Régis, barbaramente assassinado na cidade de General Câmara(RS), aos

30-1-1950, e Luiza Lebon Régis, nascida no Rio de Janeiro, aos 18-4-1903, e batizada em Itajaí casada, aos 18-6-1925, também no Rio de Janeiro, com o Dr. Mário Brás Pereira Gomes, nascido em Itajubá(MG), aos 18-6-1903, quinto filho do Dr. Wenceslau Brás Pereira Gomes, Presidente da República em duas ocasiões, com quem teve o filho Guswen Lebon Brás Régis, nascido no Rio de Janeiro e lá casado, aos 15-5-1950, com Maria Rodrigues de Castro, filha de Domingos Rodrigues de Castro e com descendência.(30)

Camila Leocádia Mure foi madrinha ao 22-12-1849, quando ainda era solteira, e aos 10-8-1850, quando já era casada(31), o que revela seu casamento entre tais datas, possivelmente em Itajaí. Até então o nome de Gustave Luiz Lebon não é mencionado nos registros eclesiásticos francisquenses, a demonstrar que ele ainda lá não residia.

Posto que tenham sido poucos os moradores de língua francesa em São Francisco do Sul, após o malogro do Falanstério do Saí(32), ainda assim foi bem expressiva a representação do idioma gaulês na região. Muitos franceses chegaram a terras francisquenses muito antes da Colônia Industrial, como foi o caso do ferreiro francês Henrique Marins Doin, chegado em 1828(33), e da família Wanner, também chegada antes de 1840. Além do citado Dr. Deyrolles (v. supra), da família Ledoux e dos citados, ficaram também na região a família Nenevé, depois radicada na Estrada da Serra em Joinville, um Venâncio João de Laurié, morto aos 15-1-1888(34), com cerca de 45 anos, francês, viúvo de Alexandri Maria Pereira, lavrador no Cubatão Grande, a família Duvoisin, descendente do cozinheiro de Leonce Aubé(35), e um Hipólito van der Heyden, ligado à colonização belga de Ilhota(36) e que, em 1847, autorizou Gustave Lebon a explorar terras naquela colônia. Afora esses, havia, na região, muitos outros franceses não necessariamente ligados ao Falanstério do Saí, a exemplo do Dr. Ettine Douat e de Ernesto Canac(37). Dito Hipólito van der Heyden teve, com Carolina de Miranda Henriques, talvez descendente do Pe. Francisco de Paula Miranda Henriques(38), o filho Leôncio Hipólito Wanderheyden, natural da Vila de S. Luiz de Guaratuba, casado, aos 02 de setembro de 1880(39), com Helena Francisca Levenhagen, natural de Joinville, protestante, viúva de Gustavo Köenig, filha de Fernando Eduardo Levenhagen e de Bertha Maria Levenhagen. Os falanstorianos Raymond Nenevé e Josefi na Maquinham, de seu turno, tiveram o filho Roberto Nenevé, com 36 anos aos 30-10-1883(40), quando casou com Maria Elisabete Lamarche, neta paterna de Lambert José Detroz e de Maria Francisca Boutel, e materna de Antônio Lamarche e de Maria Catarina Hallin, cujos patronímicos sugerem a nacionalidade francesa. O cozinheiro francês parece ter sido o Luiz Duvoisin, filho de David Francisco Duvoisin e de Mariana Duvoisin, casado com Ana Tanner, filha de Conrad Tanner, e de Isabel Tanner, conforme batismo da filha Ana Isabel, aos 30-10-1859(41). Alexandre Nenevé, outro filho de Raymond Nenevé (v.supra), foi casado com Paulina Simões, natural de S. José dos Pinhais, filha de José Simões de Oliveira e de Maria Simões da Silva, segundo o batismo do filho Manoel Francisco, aos 21-6-80, nascido aos 15 de abril do mesmo ano, quando seus pais moravam no lugar Bateias de S. Bento do Sul(42). Cristina Wanner (v.supra) foi casada com Pedro Raimundo David, talvez francês, com quem teve, dentre outros, o filho Arnoldo José David Conod, casado, por seu turno, com Joaquina Gonçalves da Maia, moradora no Bairro de Açaçu, de acordo com o batismo do filho Antônio, aos 07-11-1884(43).

Como se vê, não faltavam imigrantes que falassem a língua francesa na região norte, o que deve ter influenciado no ânimo do belga Gustave Luiz Lebon ao

se redicar em S. Francisco do Sul.

Outro francês de relações do Capitão Gustave Luiz Lebon foi o Nicolau Mangin, que, em 1855, era proprietário de terras no lugar Alvarenga, ao norte das 100 braças que Inácio José da Silveira Júnior e sua mulher Ana Maria de Jesus doaram para edificação da igreja matriz da nova freguesia de N.S^a da Glória do Saí(44), e que, aos 08-10-1863, apresentou à Câmara de Santa Maria da Boca no Monte certificado do Instituto Homeopático do Rio de Janeiro, datado de 23 de janeiro de 1847, autorizando-o ao tratamento por esse sistema.(45)

Aos 16-8-1843, o Dr. Benoit Jules de Mure, após esgotar seus últimos recursos, voltou ao Rio de Janeiro, quando apresentou tese na Faculdade de Medicina acerca da homeopatia, habilitando-se ao exercício da medicina no Brasil(46). Com quem teria ficado a filha Camila Leocádia Mure, depois casada com o Capitão Gustave Luiz Lebon? É provável que o fosse em casa do citado Dr. Deyrolles.

Creemos, pois, que Gustave Luiz Lebon teve alguma participação, ainda que indireta, na História da Homeopatia do Brasil.

-
- (1) Cf. CARLOS FICKER, Hist. de Joinville, 1965, p.225.
 - (2) Cf. WALTER F. PIAZZA, Santa Catarina: sua História, 1983, pp.261 e ss.
 - (3) Cf. FICKER, ob. cit., p.198
 - (4) Ob. cit., p.261
 - (5) Ob. cit., p.225
 - (6) Cf. CARLOS DA COSTA PEREIRA, "apud" C. FICKER, "in" ob.cit., p.227, nota 2 de rodapé.
 - (7) Cf. W. F. PIAZZA, ob. cit., p.260.
 - (8) Cf. W. F. PIAZZA, "Fourierismo" em Santa Catarina, Blumenau em cadernos, Tomo XIII, n.4, p.63.
 - (9) V. Ciência Hoje, nn.39 e 42.
 - (10) Cf. LICURGO COSTA, O Continente das Lagens, Vol.2, 1982, p.593.
 - (11) Cf. C. FICKER, OS Franceses na Baía Babitonga, Blumenau em Cadernos, Tomo V, p. 165.
 - (12) Livro n.12 da Matriz de N.S^a da Graça, fl.59 verso.
 - (13) Livro n.13 de batismo da Matriz de N.S^a da Graça.
 - (14) Cf. C. FICKER, S. Bento do Sul, 1973, p.64, nota 20.
 - (15) Cf. C. DA COSTA PEREIRA, Hist. de S. Francisco do Sul, pp.139-144.
 - (16) Arquivo Judiciário Francisquense.
 - (17) Cf. J. MENDES DA COSTA RODRIGUES, OS Primórdios de Cambóiu-Tomás Francisco Garcia, Blumenau em cadernos Tomo II, pp.170-171.
 - (18) Diversos registros eclesiásticos da Penha.
 - (19) Livro n. 1 da batismos da Barra Velha.
 - (20) Coletânea de Leis Estaduais, ano de 1913.
 - (21) Livro n. 1 de casamentos da Barra Velha.
 - (22) Livro n. 1 da Capela de S. João Batista de Itapocoróia.
 - (23) Arquivo Judiciário Francisquense.
 - (24) Livro n. 8 de óbitos da Matriz de N.S^a da Graça.

- (25) Registros eclesiásticos franciscanos de arquivo judiciário
- (26) Id.ib.
- (27) Cf. C. S. SILVEIRA LENZI, Partidos e Políticos de Santa Catarina, 1983,p.30
- (28) Livro n.6 de batismos da Catedral de Joinville, fl.66, n.95
- (29) Cf. GUSTAVO KONDER, Cel. Gustavo Lebon Régis, "in memoriam", Blumenau em cadernos, Tomo XI, n.10, outubro de 1970, pp.181 e ss.
- (30) V. Brasil Genealógico, Tomo II, n.6, 1968, p.243.
- (31) Livro n.10 de batismos da Matriz de N. S^a da Graça..
- (32) V. nosso artigo "O Primeiro Movimento Socialista de Santa Catarina", A Notícia de 14-9-86, p.21.
- (33) Cf. A.A. da Costa, S. Francisco do Sul, p.60.
- (34) Livro de óbitos n.2 da Catedral de Joinville.
- (35) Cf. C. FICKER, S. Bento do Sul cit., p.15.
- (36) Cf. AYRES GEVAERT, O Pioneiro Engelbert Gevaert e seus Descendentes, Blumenau em cadernos, Tomo XIX, n.3, p.54.
- (37) Cf. C. FICKER, Hist. de Joinville cit., p.325
- (38) Cf. W. F. PLAZZA, A Igreja em Santa Catarina, p.257.
- (39) Livro n.8 de casamentos da Matriz de N.S^a da Graça.
- (40) Registros da Catedral de Joinville.
- (41) Id.ib.
- (42) Registros da Catedral de Joinville
- (43) Id.ib.
- (44) Cf. A.A. DA COSTA. S. Francisco do Sul cit., p.40
- (45) Cf. R. BELTRÃO, Cronologia Histórica de Santa Maria, 1979, p.197.
- (45) V. Jornal A Notícia, edição de 29-11-90, p.38.





BESC

Há 31 anos
o Banco dos
Catarinenses

BESC